

Pulsar: a noite sem beijos

Meu coração: liga, desliga.

Pulsar, é o que vejo: o cursor me indaga sem nenhum lampejo, eu diante da página em branco.

Retorno ao meu lugar, o recomeço, de onde nunca saio em vão. E sempre deixo algo, ainda que desavisadamente esquecido, como quem esqueceu o próprio nome.

“Em todas as vezes em que me matei” seria um bom começo, promissor, mas não quero. Desprezo-o.

E aquele romance do Camus, o personagem que escreve um livro em meio a morte à espreita: uma mesma frase recomeçada dezenas de vezes sem sair do lugar. Essa obscura paranoia me parece dizer algo sobre todo este trabalho, promessas frustradas e um dor de cabeça antes-durante-depois.

A duração: quantas horas e dias de trabalho para algumas sentenças de inspiração, ou menos que isso, nada além de breves epígrafes que ninguém lembrará. Não antes do primeiro verme.

Pior que broxa é ser melancólico. Este o meu caso, esta noite. Definitivamente, perdi o requebrado.

O que esperar de uma vida sem vida, como aquela vivida por animais solitários. (Acho

que consigo algo melhor que isto).

Brincar com o leitor pode ser perigoso, não no sentido de ofender ou se tornar alvo de alguma vingança pessoal (ou impessoal), mas apenas como um jogo que devora o próprio autor, vítima de suas próprias armações e maquinações mal ajambradas.

Eu fico como quem sabe o que esqueceu mas prefere mentir dizendo a verdade, ou melhor, eu finjo para mim mesmo que acredito em asneiras premeditadas de improviso, só para me confundir. Mas que tudo soe lógico, ao final, aos ouvidos incautos, que, claro, me ignoram.

Incauto: o que diabos é isso, exatamente? Não sei, apenas caiu bem, assim, meio que no meio do parágrafo. O significado não existe.

A única coisa que me assusta é a facilidade com que acabo recomeçando sem ter começado, sigo firme sem nunca olhar para trás, desconfiado das próprias baboseiras-certezas.

O meu maior fracasso foi ter acreditado nisto tudo, mais uma tola pretensão desmedida. O cursor não pulsa antes de um segundo. Você sabe.

Não tenho compaixão tampouco envio ou retribuo cartões natalinos, exceto com suásticas vermelhas nas orelhas do Mickey Mouse (essa imagem é foda!).

Basicamente, tenho o umbigo do tamanho do mundo e uma pretensão boba de querer ser Deus antes da criação.

Não seria rima nem solução: o que me consola é poder brincar com os significados enquanto as estrelas ainda piscam no céu. Ou melhor que isso: ser a última estrela que brilhou sem ter brilhado. Nunca.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/pulsar-a-noite-sem-beijos>